

O primeiro Natal no Continente de São Pedro

Autor(a): Luiz Antonio de Assis Brasil | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

Tema: Espaço Jovem

Subtema: Literatura

Referência geográfica do conteúdo: Porto Alegre - RS, Brasil

Data de publicação: 25/03/2009

Referência da Primeira Publicação:

Amigos Secretos. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994

Línguas disponíveis: Português

RESUMO

Crônica acerca do primeiro Natal que um casal açoriano viveu no Rio Grande do Sul [Continente de São Pedro]

CONTEÚDO

O primeiro Natal no continente de São Pedro ou 1792

- Peço perdão por te acordar, Joana. É que estou aflito, preciso conversar com alguém. Pelo que eu sei, é noite de Natal. Nem parece, Joana. Hoje nos levantamos como se fosse um dia comum, e nem te lembraste de fazer massa sovada, nem licor de café. Muito longe daqui, em Viamão, devem estar rezando missa e nós aqui neste fim de mundo, sem lapinha, sem devoção. Estamos ficando igual a esses gaúchos sem alma, igual a esses índios que a gente vê revirando campo, tudo crescente e bandido, tudo mal-encarado. Há pouco, quando tu dormias o Antoninho também dormia, fui para a frente da casa e fiquei olhando para o céu. E vi uma estrela grande quase em cima da minha cabeça, brilhando. E fiz um desejo, de que o Antoninho cresça bem forte, e que nunca seja igual a esses gaúchos, e que guarde a devoção como a gente igualmente guardava em nossa Ilha no Açores. E que a mulher dele possa um dia sovar massa e botar a tigela de trigo ao lado da lapinha de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ah, Joana, que saudade da Ilha. O campo afora me deixa triste, porque nunca vi tanta terra, mais do que as pessoas precisam para seu sustento próprio. E fiquei pensando: olha eu aqui, com esse mundo de terra, não era o que a gente queria, quando se estava lá? Era, pois. E mesmo assim um sentimento me aperta o coração, por que ficou lá atrás, num lugar que gente sabe que nunca mais vai voltar, por que é tão longe que as festas, os rojões, o baile e a procissão, tudo ficou perdido. E o Natal, no que virou o Natal? É um dia que, se eu não me lembrasse, ia até pegar na enxada. Mas hoje não peguei na enxada. Vou fazer de conta que é mesmo Natal, e que amanhã em vez de pedaço de carne salgada, essa coisa nojenta, a gente vai comer leitão assado no forno e que, em vez de água no poço, a gente vai beber vinho de cheiro. E que a nossa casa vai-se encher de dos vizinhos e dos amigos e dos compadres, e que o senhor vigário vem dar uma chegada para provar nossa sopa de couves e nossos figos passados, e as nozes. E que vai ter dança no quintal. Tudo como na Ilha, Joana. Vou tentar esquecer do longo mar tenebroso que atravessamos, e toda a fome que temos passado, e a falta dos animais que nos prometeram, dos arados que disseram que iriam nos dar, das injustiças, da falta dos vizinhos. Aqui somos ricos, Joana. Toda essa terra é nossa. Na ilha a gente seria fidalgo, daqueles com solar e vinhedos, e que passavam arrogantes por nós, e que a gente tinha de dobrar o joelho e tirar o chapéu. Aqui somos ricos, mas toda essa terra não pode dar um Natal que seja. Posso ir para o meio do campo e abrir os pulmões, gritando sou rico, sou rico!, mas e a alma? E o Natal? O Menino Deus nasceu no meio do campo, mas num estábulo, um lugar bem pequeno, mas que era quente como o bafo dos bois e das mulas. Sabe Joana, Ele nasceu num lugar que bem podia ser nossa casa na Ilha. Ele nunca iria nascer aqui. Deus não conhece essa parte do mundo. Engraçado, eu te falando essas coisas todas de saudade, como se eu tivesse mesmo triste. Hoje é dia de Natal, e o Menino Jesus nasceu nesta madrugada lá em Belém. Eu não deveria estar me queixando tanto da vida. Mas é que dói muito aqui dentro da alma, passar esta noite sem que nada me lembre, sem festa, sem fogos, sem pão de milho. Não estou triste, não, Joana. Só que não trabalhei hoje. Eu respeito o dia do Senhor. Se esses malditos pagãos não conhecem o Salvador, eu vou orar por eles, pode ser que Deus um dia faça com que eles vejam a Luz verdadeira que vem do céu. Faz o sinal-da-cruz, para rezar.

Sua mulher, porém fica inquieta, levanta-se, vai até o outro quarto e o chama, depressa! Ele corre e vê, ao lado do berço do Antoninho, um ano todo branco, que sorri para eles e põe o dedo sobre os lábios, pedindo silêncio. Um boi mete a cara pela janela e também parece que sorri, olhando o Menino que dorme.

Um brilho mais forte que o dia ilumina o berço, fazendo-o resplandecer em luz.

Joana cai de joelhos e seu marido a abraça, chorando.

Foi o primeiro Natal no Continente de São Pedro, terras do Brasil.

[Indique este artigo para um amigo](#)

[Entre em contato com o autor deste artigo](#)

[Comunicar a Direção do Portal um erro ou denunciar conteúdo impróprio](#)

Clique nas imagens para ampliar



O Menino Jesus.



Comidas de Natal



Comidas de Natal.



O pampa, para onde foram os casais açorianos quando vieram para o Rio grande do Sul.